

filme **Corra!**

Um dos filmes mais badalados do ano, “Corra!” mistura suspense com ficção científica para falar de um tema delicado: o racismo. Sensação do Festival de Sundance em janeiro de 2017, acabou fazendo uma bem-sucedida carreira nos cinemas norte-americanos – no Brasil ficou pouco tempo em cartaz. Os críticos avaliaram o longa de Jordan Peele como extraordinário.



Divulgação

A trama começa de modo convencional, quando o casal inter-racial formado por Chris (Daniel Kaluuya) e Rose (Allison Williams) vai passar um fim de semana na casa da família dela, no interior dos Estados Unidos. A ideia é apresentá-lo aos pais da garota, ele um neurocirurgião (Bradley Whitford), ela uma psiquiatra adepta das técnicas de hipnose (Catherine Keener). Tudo vai bem, com os sogros brancos mostrando-se receptivos ao genro negro, até que entram em cena os outros negros da trama – especialmente os dois empregados da casa (Betty Gabriel e Marcus Henderson) e um jovem e estranho amigo da família (Lakeith Stanfield). É só a partir daí que algo foge à normalidade. A direção hábil de Peele, porém, põe esse estranhamento em suspeição ao construir a narrativa a partir do olhar de Chris: seria apenas coisa da cabeça do jovem negro ou, de fato, haveria algo por trás daquelas aparências?

livro **Ensaio sobre a Lucidez**

O escritor português José Saramago, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1998, tem como uma de suas obras mais destacadas o livro “Ensaio sobre a cegueira”. Entretanto, nove anos após o lançamento do clássico que o consagrou como um dos principais escritores de sua época, Saramago publicou “Ensaio sobre a lucidez” onde constrói um romance como par do livro anterior, propondo uma continuidade entre as histórias. “Ensaio sobre a lucidez” narra o processo eleitoral de uma cidade no interior de Portugal.

Filas quilométricas haviam sido formadas para que a população votasse, e tudo parecia correr como o previsto. No entanto, para desespero das autoridades eleitorais, a maciça maioria dos eleitores havia votado em branco. O voto em branco era a forma como haviam encontrado para se manifestar contra os absurdos praticados por políticos de partidos da direita, da esquerda e do centro. Políticos de partidos diferentes, mas com atuações semelhantes, usufruindo de privilégios que afrontavam a população. Os eleitores estavam cansados, revoltados. Para

se protegerem, os governantes decidem agir em nome da ordem, usando meios escusos. No entanto, o povo que já havia sofrido com a cegueira (primeira obra) demonstrava estar atento, não havia perdido a lucidez. A partir daí, as autoridades deixam a cidade entregue a si própria, abandonada e isolada. Entram em cena os mesmos personagens da obra anterior, desenhando a sequência da história. O livro traz uma forte crítica de Saramago às instituições do poder político que vestem a democracia, mas agem segundo o autoritarismo.



Divulgação